

Anselm Kiefer

**A ARTE HÁ DE SOBREVIVER ÀS
SUAS RUÍNAS**

Tradução
José Domingues de Almeida

DERIVA

TÍTULO
A ARTE HÁ DE SOBREVIVER ÀS SUAS RUÍNAS

AUTOR
ANSELM KIEFER

TÍTULO ORIGINAL
L'ART SURVIVRA À SES RUINES

TRADUÇÃO
José Domingues de Almeida

ISBN
978-989-8701-10-7

REFERÊNCIA

1506010

FORMATO

10x18cm

1.ª EDIÇÃO

MARÇO 2015

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxx

IMPRESSÃO

Rainho & Neves, Lda.

DERIVA EDITORES

Apartado 052018

EC Eça de Queirós

4202-801 Porto

Portugal

Tel 225365145

infoderivaeditores@gmail.com

www.derivaeditores.blogspot.pt

www.derivadaspalavras.blogspot.pt

Esta publicação segue o acordo ortográfico utilizado pelo tradutor.

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto «PEst-0E/ELT/UI0500/2013».

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

© Deriva Editores, 2014

COLECÇÃO PULSAR

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, divulga textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luísa Amaral,
Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo.

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto «PEst-OE/ELT/UI0500/2013».



Instituto de
Literatura Comparada
MARGARIDA LOSA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



Anselm Kiefer

**A ARTE HÁ DE SOBREVIVER
ÀS SUAS RUÍNAS**

**Lição inaugural proferida
na quinta-feira 2 de dezembro de 2010
pelo Prof. Anselm Kiefer**



Exmo. Senhor Administrador,
Caros Colegas,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

O Colégio de França convidou um artista plástico na esperança, presumo, de que vos fale de arte, vos informe acerca do que é a arte, demonstre a sua origem. Dir-vos-ei que não há definição da arte. Toda a tentativa de definição se desfaz no limiar do seu enunciado, tal como a arte, que não deixa de oscilar entre a sua perda e o seu renascimento. Nunca está onde contamos com ela, onde se espera apreendê-la e, referindo-me ao Evangelho segundo São João (capítulo 7), direi: “Onde estiver, não o podemos alcançar”.

Então, em vez de desenvolver uma qualquer teoria estética, evocarei convosco a minha prática artística. Acompanhar-vos-ei na galáxia que, desde há mais de quarenta anos, se alimentou do meu trabalho, alimentando-o simultaneamente. Examinaremos outras obras, que não as minhas, de artistas modernos e contemporâneos, mas também de poetas, de escritores, de filósofos...

Incentivado pelo vosso convite e pela divisa do Colégio de França – *Docet omnia*, “ele ensina todas as coisas”, nomeadamente “o saber em curso”, – que corresponde de forma tão apropriada à minha própria prática –, tentei realizar algumas obras para a ocasião. Resumindo: inves-

tiremos os domínios mais diversos, tais como a literatura, a astrofísica, a mística, a teoria da evolução, a alquimia, a biologia, etc. Pois nada pode escapar à arte.

De facto, sou artista. Sou pintor e escultor e, no decorrer destas lições, falar-vos-ei de obras de arte, de quadros e de poemas.

Só deposito fé na arte e, sem ela, fico perdido. Só os poemas têm uma realidade.

Já o tereis percebido, é-me impossível viver sem poemas ou quadros, não só por não saber fazer outra coisa, por não ter aprendido outra coisa, mas por razões quase ontológicas: porque desconho da realidade, sabendo ao mesmo tempo que, ao seu nível, as obras de arte também são ilusão.

As lições que se seguirão terão um cunho muito pessoal. De forma alguma se tratará de argumentação científica e, muitas das vezes, não conseguirei sequer citar as minhas fontes. Algumas ficaram-me literalmente na memória; outras, pelo contrário, sofreram tamanhas transformações que já não conseguiriam revelar a sua origem. Pelo próprio facto de qualificar o meu contributo de “pessoal”, já podeis vislumbrar o que de inacessível haverá nele. Cada vez mais chego à conclusão de que o que é “pessoal”, o que é criador, no sentido mais corrente utilizado no século XIX, de facto, não existe.

...

Quando era estudante, achava graça aos debates acalorados que por vezes tinham lugar na Academia das Belas Artes e que consistiam em de-

nunciar as influências de uns e de outros. Mas é assim mesmo: as ideias circulam, andam no ar. Sempre houve descobertas simultâneas, em diferentes lugares do mundo, sem que os seus autores se conhecessem uns aos outros.

Mais de oito mil cientistas trabalham no CERN, em Genebra, e muitos são os que se debruçam sobre o bilionésimo de segundo que sucedeu ao Big Bang, no sentido de afinar os seus conhecimentos acerca desse instante em que tudo surgiu na história do Universo: a matéria, a antimatéria, as constantes da natureza, etc. É um campo que deveria naturalmente interessar os artistas e, em particular, os que se interrogam acerca da noção de começo. Mas qual entre esses cientistas estará mais adiantado, o inventor ou o criador? Será uma pessoa, um sujeito, ou não será antes uma inteligência coletiva que opera neste domínio?

Contudo, há que reconhecer que a história das ciências conta com ilustres personagens que, individualmente, fizeram grandes descobertas. Galileu fez com que a astronomia se tornasse uma ciência de pleno direito, revolucionando assim a ciência por autolimitação. Foi mediante essa especialização que a ciência pôde iniciar a sua marcha em frente. Mas foi também por causa dessa limitação que a conceção do mundo que dela decorreu se tornou mais estreita, se reduziu. Em matéria científica, sabemos-lo, os resultados são provisórios, pois as ciências evoluem continuamente de um estágio para outro.

Por seu lado, a arte, – a qual se desenvolve, quanto a ela, sem especialização definida –, tam-

bém comporta “graus de evolução” como, por exemplo, a invenção da perspectiva no Renascimento. Nem por isso significa que não seja possível, no próprio processo de criação artística, regressar ao que antecedeu. Hoje em dia, não são inúmeros quadros desprovidos de perspectiva? Até encontramos alguns que parecem pertencer ao estágio de desenvolvimento das pinturas de Lascaux. É evidente que os “artistas” do paleolítico eram muito diferentes dos nossos contemporâneos. Contudo, o que designamos por progresso, em sentido estrito, não se aplica obrigatoriamente no campo da arte.

Isto significa que a arte é enteléquia, que depende da união perfeita entre o material e o espiritual, inclusive na sua encarnação aparentemente mais rudimentar.

O facto de a Terra, e não o Sol, ter sido outrora considerada como o ponto central do sistema do Universo deixou de ser válido após a revolução copernicana. Pelo contrário, não se podem aplicar os mesmos parâmetros à arte. Com efeito, uma obra do século XX não pode alegar ser mais avançada que uma obra do século XV.

...

Nas próximas aulas, falarei dos conhecimentos que adquiri ao longo da minha atividade de artista, dos meus sentimentos, dos meus combates, das minhas vitórias e das minhas derrotas. Poderá também acontecer que compare o meu *atelier* ao CERN, que o descreva como o lugar onde se elaboram pesquisas que visam fazer

descobertas sobre o começo, a origem. Desenvolverei exemplos que servirão para ilustrar o meu processo de criação artística e a minha reflexão acerca do mundo.

Concomitantemente,interrogar-nos-emos acerca do que significa o progresso. Por exemplo: alcançaremos algum dia um estádio de evolução que nos permita conferir *a posteriori* um sentido ao progresso das ciências – da mesma forma que se consegue posteriormente retrair as várias etapas e o percurso que levaram à realização de um quadro, assim como ao objetivo do artista?

Se o Colégio de França espera deste seu convidado que se exprima acerca do que, segundo ele, tem a sua realização em curso, – *in statu nascendi* –, está em devir, teria para tal de começar a pintar um quadro aqui e agora, ou então teria de colocar um diante de vós e aguardar na vossa companhia que ele se modifique no decorrer dos anos vindouros. Impossível!

Um quadro não se transforma unicamente ao longo das décadas, ou inclusive dos séculos que hão de vir. Também pode transformar-se em intervalos mais curtos. Assim, quando de manhã entro no meu *atelier*, fico muitas vezes surpreendido com o que surgiu durante a noite, com o que se pode ter metamorfoseado no quadro. Pois o quadro evolui incessantemente, quotidianamente, diria eu.

